

# Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação<sup>1</sup>

*Maria do Rosário Longo Mortatti\**

## **Resumo**

Com o objetivo de contribuir para a discussão acerca dos problemas e possibilidades da pesquisa histórica em educação, apresentam-se nestas notas, com base na concepção interacionista de linguagem, reflexões problematizadoras sobre as relações entre as atividades de leitura e produção de textos e os processos: de recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais escritas; de produção do texto final (monografia, dissertação ou tese) em que se materializa discursivamente o objeto de investigação; e de constituição do sujeito desse discurso.

**Palavras-Chave:** Linguagem – Texto - Pesquisa histórica em educação

## **Abstract**

In order to contribute for the discussion on problems and possibilities of the historical research in education, it is shown in this text, based upon a linguistic interactional conception, reflexions about relations among the activities of reading and writing texts and the process of: recovering, reuniting, selecting and analysing documental sources; producing the final text; and constituting the discours subject.

**Key-Words:** Language – Text - Historical research in education

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no III Simpósio de Filosofia e Ciências – UNESP/Marília, (7 a 10/06/1999)

\* Professora Adjunta – Departamento de Didática – UNESP/Marília; Coordenadora do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”

Av. Carlos Artêmio, 356, ap. 32 –A – Fragata C - 17.519-660 – Marília – SP

## 1

Certamente em decorrência do clima de final de século e de milênio, no âmbito das ciências humanas em geral e da educação em particular, a pesquisa histórica vem-se afirmando como uma tendência teórico-metodológica bastante fecunda. Com o objetivo de contribuir para a discussão acerca dos problemas e possibilidades desse tipo de pesquisa científica em educação, apresentam-se nestas notas, com base na concepção interacionista de linguagem, reflexões problematizadoras sobre as relações entre as atividades de leitura e produção de textos e os processos: de recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais escritas; de produção do texto final (monografia, dissertação ou tese) em que se materializa discursivamente o objeto de investigação; e de constituição do sujeito desse discurso.<sup>2</sup>

## 2

Enquanto forma de interação e atividade especificamente humana, a linguagem é constitutiva, mediadora e produto das relações interlocutivas, que se instauram no interior e nos limites de uma determinada formação social e em cujo âmbito se constitui o sujeito do discurso.

Dada a natureza histórica e social da *linguagem*, dos *sujeitos*, das *interações verbais* e da *mediação lingüística* como "relação constitutiva, ação que modifica, que transforma"<sup>3</sup>, compreende-se o *trabalho lingüístico* (dos sujeitos) como *atividade constitutiva*, em que se entrecruzam produção histórica e social de *sistemas de referências* e de *operações discursivas*. No âmbito desse trabalho lingüístico, que ocorre sempre em uma dada situação histórico-social — espaço de relações interlocutivas —, produzem-se: a *língua*, enquanto objeto em constante processo de produção nessas relações intersubjetivas; e *discursos* necessariamente significativos, enquanto materialização de sentidos.

Desse ponto de vista, a linguagem é uma forma de interação humana, produzida e atuante sobre um fundo de discurso, em cujo âmbito constitui-se o *sujeito do discurso* como sujeito polifônico, síntese de diferentes vozes social, histórica e ideologicamente situadas. E utilizar a língua "é bem mais do que representar o mundo: é construir sobre o mundo uma

<sup>2</sup> As reflexões aqui apresentadas se originam de discussões ocorridas especialmente nos seminários de pesquisa do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e literatura no Brasil", realizados em conjunto com o Grupo de Pesquisa "Cultura Escolar Urbana (São Paulo - 1840/1940)", coordenado pelo professor Dr. Carlos Monarcha.

<sup>3</sup> ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2.ed. Campinas/SP: Pontes, 1987. ( p.25)

representação"<sup>4</sup>, é agir sobre o outro e sobre o mundo, por meio do texto: realidade concreta da língua, lugar da enunciação e da interação verbal e unidade de sentido, onde autor e leitor se tornam interlocutores.

Por leitura, entende-se aqui, compreensão como "uma forma de diálogo"<sup>5</sup> entre leitor e autor, por meio do texto; um processo de autoria de segunda ordem, que supõe um texto já escrito para se produzirem significados e sentidos e que envolve a história de leitura do leitor e do texto.

Escrita, por sua vez, caracteriza-se como processo de produção de textos utilizando-se a língua escrita; processo de produção de significados e sentidos, visando ao diálogo com o leitor e instaurando um tipo específico de interação e novas relações dos sujeitos entre si, com o mundo natural e social, com o tempo e o espaço e com a consciência desses sujeitos.

Como produções históricas e sociais, a leitura e a escrita supõem a produção de significados e sentidos, que remetem a um sistema de referências e uma determinada formação discursiva. São, portanto, atividades discursivas, que têm no texto seu ponto de partida e de chegada.

Enquanto lugar da enunciação e produto da interação verbal, o *texto* é o objeto da leitura e da escrita. É no texto — produto daquele trabalho discursivo e intersubjetivo no nível simbólico — que a língua se configura em sua "concretude". É o texto o "território comum do leitor e do interlocutor."<sup>6</sup> É o texto a unidade de sentido. Formulado de outro modo: o texto é a materialização de um *projeto* (discursivo), concebido, executado e avaliado por um sujeito que, a partir de certas necessidades, movido por certos objetivos, sobressaltado pelas contingências e mediado pela linguagem, em determinadas condições históricas e sociais, escolhe — dentre as possíveis e conhecidas — as opções de dizer/escrever o que precisa escrever para outro(s).

Dessa perspectiva, o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual<sup>7</sup>, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades

<sup>4</sup> GERALDI, J.W.. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 1996. (p. 52)

<sup>5</sup> BAKHTIN, M.. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. M. Lahud e Y. F. Viera. SP: Hucitec, 1981. (p.132)

<sup>6</sup> BAKHTIN, obra citada, p.113.

<sup>7</sup> Como exemplo de aplicação desse conceito na análise de documento, ver, especialmente: MAGNANI, M. R. M. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, C. (org.). Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras; Marília: Pós-Graduação em Educação -Unesp-Marília, 1997

(por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?).

### 3

A unidade, no sujeito, entre concepção, execução e avaliação de projetos identifica o trabalho como atividade especificamente humana. Um projeto caracteriza-se pela inter-relação dos diferentes aspectos constitutivos dessa atividade: a partir de certas necessidades, movidos por certas utopias, sobressaltados pelas contingências e mediados significamente, sujeitos interativos (sócio-históricos), em determinadas condições espaço-temporais, utilizando-se de certos métodos e meios, produzem objetos materiais e culturais assim como os próprios sujeitos envolvidos e sua consciência. Supõe, por isso, uma tensão constante entre consciência/contingência, teoria/prática, pensamento/atuação, autonomia/heteronomia. Demanda opções em relação a juízos de valor. E implica movimento e mudança que se produzem no tempo como proposta, processo e possibilidade.

O ofício do pesquisador é também uma atividade especificamente humana, constituída e mediada pela linguagem, cuja especificidade consiste na produção de conhecimentos, com base em um projeto de pesquisa. Para esse atividade, não basta ao pesquisador ser usuário ou aplicador de conhecimentos disponíveis e em circulação na sociedade e na universidade. É preciso que ele consiga refletir sobre esses conhecimentos, estabelecer relações, categorizar, abstrair e articular coerentemente teoria e empiria<sup>8</sup>, como atividade que lhe propicie ser sujeito de um discurso e seu sentido.

Em todas as fases da pesquisa histórica em educação — assim como em qualquer outro tipo de pesquisa, especialmente na área das ciências humanas —, a atividade do pesquisador — o ato investigativo — é um ato de interpretação, que envolve necessariamente a constitutividade e mediação da linguagem e, em decorrência, dos processos de ler e escrever,

ou seja, envolve a produção de significados e sentidos, desde os processos de recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais até a produção do texto final da pesquisa. E todo ato de interpretação, enquanto síntese, demanda a análise integrada dos aspectos constitutivos de determinado texto, a fim de que o pesquisador possa reconhecê-lo e interrogá-lo como configuração textual “saturada de agoras”<sup>9</sup> e “objeto

<sup>8</sup> NUNES, Clarice. Um projeto de interpretação para a pesquisa histórica em educação. Tempo Brasileiro. (RJ). n. 124, p. 35-54, jan./mar.1996. ( p. 49)

<sup>9</sup> BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. Magia, técnica. Arte, política. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-32 (Obras escolhidas, v. 1)

singular e vigoroso”<sup>10</sup>; e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses.

#### 4

A pesquisa de fundo histórico em educação caracteriza-se como um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica — no tempo — do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação.

Entendendo-se documento como “uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.”<sup>11</sup>, pode-se tomá-lo como portador de testemunhos de época, de natureza diversa — textos escritos, objetos, fotografias etc. —, e, simultaneamente, como elaboração histórica resultante de escolha motivada pelo ponto de vista do pesquisador, que elege, dentre um conjunto disponível, determinados documentos como fontes de investigação.

Para os objetivos destas notas, enfatizam-se os documentos escritos (impressos ou manuscritos), devido a sua condição de texto verbal, resultante de uma atividade discursiva, consciente ou não, de determinado(s) sujeito(s) do momento histórico em que foram produzidos, assim como de seus pósteros, para os quais continuaram a existir, manipulados seja pela exaltação, seja pelo combate acusatório, seja pelo esquecimento silencioso e nem sempre inocente. São, portanto, tratados como configurações textuais, mediadoras na busca de compreensão, explicação e interpretação do que foi, no passado, o fazer e seu sentido e de que resulta, de acordo com a apropriação que deles faz o pesquisador, a produção do objeto de investigação, ao longo do texto escrito em que se apresenta o resultado do trabalho investigativo.

Evidentemente, todo ato interpretativo, enquanto atividade discursiva, é construção de uma representação, a partir da problematização de outras representações construídas e tomadas como fontes documentais. Embora condição necessária, essas fontes documentais não devem se

<sup>10</sup> STAROBISNKY, J. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, J. NORA, P. (dir.). História: novas abordagens. Trad. H. Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.132-43. (p.135)

<sup>11</sup> LE GOFF, J. Documento/Monumento. Trad. S. F. Borges. In: \_\_\_\_\_. Enciclopédia Einaudi: I. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 95-106. (p. 103)

confundidas com o objeto de investigação, uma vez que não são “dados” e “só falam, quando se sabe interrogá-los.”<sup>12</sup>

Desse ponto de vista, o trabalho do pesquisador não se restringe à coleta e apresentação de documentos. Tampouco se deve reduzir o processo analítico a aspectos isolados da configuração textual dos documentos selecionados, como, por exemplo, aqueles constitutivos de sua “camada mais aparente”<sup>13</sup> (o quê e como) ou aqueles que remetem à sobredeterminação do contexto histórico ou social (quando e onde) e suas marcas ideológicas (por quê e para quê). Dada sua condição de texto verbal, resultado de atividade *de, com e sobre* linguagem, os documentos não escondem nada “por trás”, não demandando operações de “desvelamento” ou “desnudamento”. Os sentidos e as explicações históricas podem ser “encontradas” *dentro* da configuração textual do documento, ponto de partida e de chegada do trabalho investigativo.

Trata-se, portanto, de um ato de interpretação centrado no conceito operativo de texto aqui proposto com base no qual devem-se interrogar os documentos escritos na posição de um leitor contemporâneo que se esforça por compreender simultaneamente: o sentido da experiência vivida configurada nos discursos produzidos por sujeitos de outra época; a apropriação desses discursos por seus contemporâneos e seus pósteros; a razão pela qual os discursos que, em cada época, lograram permanência apresentam, de uma sucessão de acontecimentos, uma determinada versão e por que foram essas as versões preservadas no tempo e legadas aos pósteros como documentos/monumentos; e as inevitáveis diferenças entre os sentidos propostos por esses sujeitos e os sentidos atribuídos pelo próprio pesquisador, que, mediante a produção de determinado objeto de investigação, constitui-se como sujeito de um discurso interpretativo sobre esses discursos.

## 5

O ato interpretativo não se esgota nos processos de recuperação, reunião, seleção e análise dos documentos. Demanda, ainda, a produção de um texto final (monografia, dissertação ou tese), onde, além da correção gramatical, adequação técnica, coesão e rigor, deve-se buscar garantir coerência entre pressupostos teórico-metodológicos e procedimentos de organização e redação, a fim de o pesquisador não sucumbir à tentação seja de apenas enquadrar o passado de acordo com critérios apriorísticos do

<sup>12</sup> BLOCH, M. Introdução à história. Trad. M. Manuel e R. Grácio. 5. Ed. s.i. Europa-américa, [1987]. (p. 60)

<sup>13</sup> CANDIDO, A. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

presente, seja a de se deixar seduzir inadvertidamente pelas interpretações dos sujeitos das épocas em estudo, abdicando da posição de sujeito de um discurso interpretativo.

O texto final da pesquisa — também configuração “saturada de agoras” — é o lugar onde se materializa discursivamente o objeto de investigação e o processo de produção de conhecimento histórico, onde se materializam as interpretações propostas pelo pesquisador. Trata-se do produto de uma atividade *de, com e sobre* a linguagem, que supõe, necessariamente, a emergência do sujeito do discurso, o qual, situado em um presente histórico que se apresenta como futuro do passado remoto ou recente que se quer compreender, constrói uma representação sobre outras representações, produz sentidos sobre outros sentidos, visando ao diálogo com os sentidos que seus prováveis leitores produzirão a partir de seu texto.

## 6

Do ponto de vista aqui proposto, abordar historicamente a educação não significa apresentar uma sucessão de acontecimentos passados, de acordo seja com uma temporalidade linear e ascensional, em direção à culminância do processo histórico no presente, enquanto fim da evolução, seja com a lei do “eterno retorno” ou com a da sucessão de ciclos de apogeu e decadência, ação e reação. Abordar historicamente a educação significa, pelo contrário, buscar apreender e problematizar, por meio de configurações textuais — as lidas e as produzidas pelo pesquisador —, a simultaneidade entre continuidade e descontinuidade de sentidos a respeito do fenômeno educativo em suas diferentes facetas, simultaneidade essa que caracteriza o movimento histórico e as “temporalidades múltiplas” que nele coexistem.

Trata-se, portanto, de uma tendência teórico-metodológica caracteristicamente interdisciplinar, do que decorre sua fecundidade explicativa e o grande desafio aos pesquisadores interessados em buscar, mediante a compreensão do passado remoto e recente, o enfrentamento dos problemas do presente fugidio e a construção do futuro desejado.

Com certeza, neste final de século e de milênio, a afirmação dessa tendência vem responder à necessidade de se pensar em outras possibilidades de investigação em educação, inserindo-a na problemática relativa às pesquisas em ciências humanas, conforme sugere Chauí :

“acolher novos temas, novos métodos, novas técnicas, novos campos de pesquisa, mas não ... por serem novos nem porque sejam garantia de uma ocupação, isto é, nem porque sejam parte da *fashion culture*, nem porque sejam garantia de emprego, mas

porque fazem sentido, correspondem a necessidade e experiências reais que pedem interpretação e compreensão.”<sup>14</sup>

### Referência Bibliográficas

- ARIÈS, Phillipe. *O tempo da história*. Trad. R.L.Ferreira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Viera. SP: Hucitec, 1981
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia, técnica. Arte, política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-32 (Obras escolhidas, v. 1)
- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Trad. M. Manuel e R. Grácio. 5. Ed. s.i. Europa-américa, [1987], p. 60.
- BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Trad. Henrique A. Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, J., NORA, P. *História: novos problemas*. Trad. T. Santiago.3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.17-48 (p. 41) (grifos do autor)
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. n. 5, p. 173-91, abr. 1991.
- \_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. M. M. galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. Perspectivas para o futuro. In: JANCSÓ, I. (org.) *Humanidades, pesquisa e universidade*. São Paulo: Comissão de Pesquisa/ FFLCH-USP, 1995, p. 159-71.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. L. F. Baeta. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

<sup>14</sup> CHAUI, M. Perspectivas para o futuro. In: JANCSÓ, I. (org.) *Humanidades, pesquisa e universidade*. São Paulo: Comissão de Pesquisa/ FFLCH-USP, 1995, p. 159-71.



- GERALDI, João Wanderley. (org.) *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 1996.
- JULIA, Dominique. La culture scolaire comme objet historique. *Pedagógica Historica* (International Journal of the history of education) . Supplementary Series - v. 1, p. 353-82, 1995.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. Trad. S. F. Borges. In: \_\_\_\_\_. *Enciclopédia Einaudi: I. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 95-106. (p. 103)
- \_\_\_\_\_. A nova história. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a história*. Trad. A.J.P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, s. d., p.63-101
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Em sobressaltos: formação de professora*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Os sentidos da alfabetização: a "questão dos métodos" e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo – 1876/1994)*. FCT-UNESP –P. Prudente, 1997 (Tese de Livre-docência)
- \_\_\_\_\_. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, C. (org.). *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas: Mercado de Letras; Marília: Pós-Graduação em Educação -Unesp-Marília, 1997.
- MONARCHA, Carlos. História da educação brasileira: atos de fundação. *Horizontes: história social das idéias*. p. 35-43, jul. 1996. (Dossiê: Historiografia e cultura)
- NUNES, Clarice. Um projeto de interpretação para a pesquisa histórica em educação. *Tempo Brasileiro*. (RJ). n. 124, p. 35-54, jan./mar.1996.
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed. Campinas/SP: Pontes, 1987.
- SAVIANI, Dermeval., LOMBARDI, José Claudinei, SANFELICE, José Luis (orgs.). *História e historiografia da educação*. Campinas,SP: Autores Associados; HISTEDBR, 1998.
- SILVA, Marco A. O trabalho da linguagem. *Revista Brasileira de História*. v. 6, n. 11, p. 45-62, set. 1985
- STAROBISNKY, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, J. NORA, P. (dir.). *História: novas abordagens*. Trad. H. Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.132-43.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José L. Melo. São Paulo: Ed. USP, 1992.